

**EM ANÁLISE:**  
**“ORAÇÃO”, DE BENTO COELHO DA SILVEIRA, E A PERSONA DE D. FREI  
LUÍS DA SILVA**

Maria do Carmo Raminhas Mendes\*

Universidade da Beira Interior

mcarmom@ubi.pt

<https://www.cienciavitaet.pt/F312-E49B-0DD9>

**RESUMO**

O Museu Francisco Tavares Proença Júnior e o Paço Episcopal de Castelo Branco são duas entidades distintas, mas com uma história comum. Considerável parte do actual espólio do Museu integrava-se outrora em contexto episcopal, e abordá-lo sem abordar os bispos que no local passaram - as suas personalidades e o papel activo que tiveram tanto na diocese da Guarda como na posterior diocese de Castelo Branco – seria menosprezar a memória que na arte permanece.

A obra designada de “Oração”, da autoria de Bento Coelho da Silveira, está intimamente ligada àquele que foi um dos mais excelsos bispos da diocese da Guarda durante o século XVII: D. Frei Luís da Silva. Este monge trinitário, amigo pessoal do rei D. Pedro II e reconhecido à época pelo seu enorme intelecto, poder de oratória e *borromeanas* humildade, caridade e zelo pastoral, foi nomeado bispo da Guarda em 1684, e foi ele o responsável pela efectivação da linguagem visual barroca no bispado. Perdura, deste bispo, o nome gravado na laje existente na Sé Concatedral de Castelo Branco e o seu brasão de armas em parte das obras que lá financiou, mas a verdadeira dimensão da sua acção na implementação de catequeses visuais por toda a diocese é, infelizmente, ainda pouco valorizada.

À luz da documentação remanescente, e incidindo particularmente na análise das duas biografias de D. Frei Luís da Silva (uma delas inédita até publicação nossa, em tese de doutoramento), ir-se-á lançar um novo olhar sobre a obra “Oração”, que irá para lá de uma mera análise iconográfica, inscrevendo-a no pensamento, no tempo e no lugar aos quais efectivamente pertence.

**Palavras-chave:** Castelo Branco; Bispos; Pintura; Museu; Deslocalização.

\*A autora não adopta o AO/90.

#### **D. Frei Luís da Silva, arquétipo *borromeano* e bispo da Guarda.**

Entre os bispos que, após 1668, foram nomeados para governar as dioceses do reino português, destaca-se D. Frei Luís da Silva (1626-1703) (**Fig. 1**). Nomeado para a diocese de Lamego em 1676 por D. Pedro II (de quem era amigo próximo), iniciou nesta diocese a exemplar conduta pastoral que, anos mais tarde e após a sua passagem pela Guarda, o iria conduzir à dignidade de arcebispo de Évora.

Nasceu em Lisboa a 27 de Outubro de 1626, filho ilegítimo de um clérigo de nome Francisco da Silva e de Margarida de Noronha. Foi nomeado para a Guarda após o falecimento de D. Martim Afonso de Melo (1612-1684) em 1684, e tomou posse da mitra egitaniense a 06 de Junho do ano seguinte, na pessoa do seu procurador, o Chantre da Sé Clemente da Fonseca.

A 15 de Agosto procedeu à entrada solene na cidade, de onde partiu nos meses seguintes em visitas por toda a diocese (MENDES, 2016: 118-123). No ano de 1691 foi nomeado para o arcebispado de Évora, nomeação a qual acatou resignadamente – pois seria na Guarda que pretendia estar até ao fim dos seus dias (COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO DE ÉVORA (CMTE), 1986-87: 131). D. Frei Luís da Silva faleceu em Évora, após um rigoroso testemunho de vida exemplar, no dia 13 de Janeiro de 1703, e os seus restos mortais encontram-se sepultados na Sé de Évora, no cruzeiro e em frente à Capela do Santo Lenho, relembrando-nos o seu epitáfio, que transcrevemos:

Sepultura do Senhor Dom Frei Luiz da Sylva Telles Rellegiozo da Santissima Trindade, da Illustre família dos Sylva Telles. Mestre em Theologia, Bispo Deaõ da capella real, da juncta dos três estados, Bispo de Lamego, e da Guarda, Arcebispo de Evora; Insigne no Pulpito, magnifico bemfeytor das suas Igrejas, singular esmoller pera as rellegiões, admiravel na charidade pera os pobres, e prefeyto exemplar de Prellados. Faleceo em



**Fig. 1** - “Retrato de D. Frei Luís da Silva”, autor desconhecido, óleo sobre tela, século XVII. Galeria dos Arcebispos da Arquidiocese de Évora (imagem da autora, 2014).

Evora com ditoza morte a 13 de Janeyro de 1703. aos setenta, e seis annos de idade. Vivirá pera sempre a memoria das suas virtudes (MENDES, 2016: 119-120).

A passagem de seis anos pela diocese da Guarda marcou profundamente a mesma, pois foi D. Frei Luís da Silva, adoptando uma conduta incisiva na demanda da efectivação do ensino da doutrina cristã (numa diocese cuja população era maioritariamente iletrada nos mistérios da fé), que impulsionou a criação de numerosas catequeses visuais, introduzindo na diocese o gosto estético do tempo: o barroco. Esta premissa é, felizmente, ainda hoje constatável nos programas visuais dos quais foi mecenas, e que ainda existem particularmente na cidade de Castelo Branco. Consta, contudo, que o seu mecenato terá sido imenso por toda a diocese (pois toda a obra por si financiada, era identificada com o seu brasão de armas), e que tal terá espantado um dos bispos seu sucessor, D. Rodrigo de Moura Teles (1644-1728), que ao chegar à Guarda enalteceu a pessoa e o legado de D. Frei Luís da Silva, nestas palavras: «[...] sem ter bens patrimoniaes, por ser religioso, pudece com as rendas do Bispado fazer, e dar tanto; mas porque despendia muito com os pobres, e com os Templos, por isso mesmo lhe dava Deos muito mais» (CMTE, 1986-87: 131).

A então vila de Castelo Branco destacava-se no contexto do governo da diocese da Guarda: o centro nevrálgico do governo da mesma, a cidade da Guarda, situava-se no extremo norte de uma vasta área que, até 1771, abarcava também a Ouvidoria de Abrantes. Este facto e o clima rigoroso da cidade da Guarda originaram a que, em finais do século XVI, um dos bispos da diocese, D. Nuno de Noronha, ordenasse a construção de um pequeno Paço Episcopal na vila de Castelo Branco, pois esta localidade, para além de um clima mais ameno, oferecia uma maior centralidade e facilitava as deslocações e as estadias dos bispos no decurso do governo da vasta área da diocese, e no âmbito do cumprimento das funções pastorais que estes estavam obrigados.

Castelo Branco converteu-se assim, para os bispos que se seguiram, um importante local para deixarem firmado o seu legado: a reconstrução da Igreja de São Miguel, ordenada pelo bispo que antecedeu D. Frei Luís da Silva, o prelado D. Martim Afonso de Melo, foi a primeira de uma série de intervenções que, após 1668, se espraíram por vários locais da localidade. O término deste edifício, inacabado aquando do falecimento de D. Martim em 1684, foi uma das obrigações assumidas por D. Frei Luís da Silva que, em 1691 e já nomeado arcebispo de Évora, financiou todas as obras em falta e o ornato, facto atestado

pela inscrição que ainda hoje permanece na parede lateral esquerda da nave, e pelo descrito por um seu biógrafo anónimo:

[...] por ser a mais nascecitada, dispendeo muito mais, porque não sô acabou a obra de pedra, e cal, que lhe faltava, mas a ornou de retabolos, pinturas, alampadas, castiçaes, e paramentou de frontaes, e cazullas de damasco de todas as cores pera o cotidiano, e de tella branca, e vermelha pera as festas solenes, e tudo isto fez sabendo muito bem, que a fabrica daquelas Igreyjas pertencia à caza do Infantado, mas sô atendia a ser caza de Deos e pera honrra, e gloria do mesmo Deos aquelle gasto, que fazia (CMTE, 1986-87: 130).

O cunho de D. Frei Luís da Silva ficou também plasmado em outras obras que, na mesma altura, financiou na vila, nomeadamente no «[...] palácio dos Bispos, fazendo nelle um Oratorio, e no mesmo hum Retabulo dourado com primorosas pinturas, azolejos finos, e ornamentos preciosos» (MENDES, 2016, vol. II: 191), e na Igreja de Santa Maria do Castelo, onde financiou o retábulo e a pintura do tecto da nave (infelizmente destruídos em 1708). Mas a sua obra magna efectivou-se no Convento dos Religiosos Eremitas de Santo Agostinho, também designado por Convento da Graça (actual Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco), que iremos abordar de seguida. Para estes programas, contou com a maestria da oficina de Bento Coelho da Silveira, pintor régio de D. Pedro II.

### **O lugar perpétuo da “Oração”, de Bento Coelho da Silveira.**

A biografia inédita (até transcrição e publicação nossa em tese de doutoramento), da autoria de Simão de Brito (? – 1703) e designada de *Compendio da vida do Illustrissimo Reverendissimo Senhor D. Fr. Luis da Silva, Arcebispo de Évora* (MENDES, 2016, vol. II: 189-209), revela-se uma preciosa fonte de informação fidedigna relativamente à vida e obra deste bispo. Embora escrita em tom panegírico, o autor, contemporâneo de D. Frei Luís da Silva, foi testemunha ocular da muita obra da qual o prelado foi mecenas, e a qual deixou sempre identificada com o seu brasão de armas. O Convento da Graça de Castelo Branco e a obra que financiou na sua igreja são descritos nesta biografia como uma das maiores intervenções na então vila (a par com o que investiu na Igreja de São Miguel), atestando Simão de Brito que:

Em Castello branco, donde eu estive, e posso ser testemunha das muytas obras que fes na quella villa [...]. No Convento dos Religiosos Eremitas de Santo Agostinho mandou fazer as Cadeiras do Coro debaixo, que fica nas costas da Capella mor, e no mesmo Coro hum

retábulo de talha, que serve de moldura, e guarnição a hum painel grande, em que estão retratados os dous Veneraveis Irmãos, e filhos da quella villa o Padre Illustrissimo Frei Roque do Espirito Santo Religioso Trinitario, e o Padre Illustrissimo Frei Egidio Religioso Eremita; este muyto grande Letrado, e aquelle não menos Letrado que Santo, e grande Redemptor de Cativos. Na mesma Igreja fes a Capella de São Thomaz de Villa nova, e nella tambem a tribuna em que està todo o anno o Senhor dos Passos, acuja Irmandade mandou fazer capas roxas e adorno próprio pera cada hum dos mesmos passos, no dia de sua procissão. Outras muytas obras fes por cuja causa he não menos saudosa, que venerável a sua memoria em todo o Bispado (MENDES, 2016, vol. II: 191).

D. Frei Luís da Silva era um fervoroso monge da Ordem da Santíssima Trindade, destacando-se ao tempo pela sua erudição e oratória. Um autor local, José Lopes Dias, publicou, em 1976, um pequeno livro intitulado *Os Retratos de Frei Roque do Espírito Santo e de Frei Egídio da Apresentação, do Museu de Francisco Tavares de Proença Júnior*, onde inscreve uma nota historiográfica da ilustre família albicastrense dos FONSECAS, da qual Frei Roque e Frei Egídio eram descendentes, e onde faz uma breve leitura iconográfica da obra “Oração” (Fig. 2), peça integrada, ao tempo e sob contornos difusos, na colecção do Museu Francisco Tavares Proença Júnior.

O autor, e à luz da documentação actual e das investigações que, entretanto, desenvolvemos, atribui erradamente a encomenda da obra a Diogo da Fonseca, meio-irmão de Frei Roque e de Frei Egídio, e inscreve a sua realização no decurso do século

XVI, o que é totalmente incongruente não apenas com as provas que acima apresentamos, como também com a iconografia e mensagem ideológica que a obra encerra. A leitura iconográfica que o autor traça (DIAS, 1976: 76-78) assume contornos desproporcionados porque, por desconhecimento, a desassocia do seu verdadeiro mentor: D. Frei Luís da



**Fig. 2** - "Oração", Bento Coelho da Silveira, óleo sobre tela, século XVII. Museu Francisco Tavares Proença Júnior (imagem José Pessoa/DGPC, 2010).

Silva. De facto, a divisão compositiva entre os dois planos – o terrestre e o divino, na parte inferior e na parte superior da tela, respectivamente -, remete-nos para uma identificação correcta dos elementos representados; contudo, a leitura não se coaduna com os princípios da Ordem Trinitária e com a pessoa de D. Frei Luís, que não eram, de todo, superficiais.

No plano inferior da obra, a identificação dos retratados é a correcta; no entanto, a leitura apresentada pelo autor para a parte superior, e que se reporta ao plano divino, resume a representação da Virgem Maria apenas ao facto de carregar as correntes dos cativos libertos. Mas o sentido vai mais além: a Virgem Maria foi elevada, sob a invocação “Dos Remédios”, a padroeira da Ordem Trinitária logo nos alvares da sua fundação porque, por um lado, foi entendida como modelo e guia de uma vida totalmente consagrada à Santíssima Trindade e, por outro, como modelo, guia e mãe providente de um apostolado direccionado à protecção dos pobres e dos cristãos perseguidos. Nesta composição e contextualizando-a no pensamento ao tempo, era entendida como a “Nova Eva”, Aquela que, ao conceber e dar à luz o Filho de Deus, libertou o homem das amarras do pecado original, “como estava escrito”. Por essa razão, Cristo estabelece, na composição, um diálogo directo com a Sua Mãe apontando para a Palavra de Deus, onde a profecia Nela se concretiza e a converte em co-redentora, juntamente com o seu Filho, da criação de Deus, sendo esse o carácter simbólico que as correntes que a Virgem Maria apresenta na sua mão direita revelam – e que comunga com a chaga que Cristo expõe, símbolo do Seu sacrifício para remissão dos pecados do mundo.

Esta leitura é corroborada pela inscrição em latim na cartela da parte inferior da composição, onde se lê *Rochvs et Ægidivs pariter svnt lvmina cæli ille micat redimens cvm mical iste docens*. O autor José Lopes Dias, desta inscrição, elaborou a seguinte tradução: «Roque e Egídio são iguais nas luzes do céu: aquele, fulge resgatando, este, ensinando» (DIAS, 1976: 75). É importante salientar que esta tradução está errada, na medida em que o autor omitiu, na tradução que fez, a palavra *mical*, cujo significado altera por completo o sentido da mensagem, e sintoniza-a com todos os elementos da composição, fundamentando *per si* a leitura que acima fazemos.

A palavra *mical* é de origem hebraica e significa “quem é como Deus”. Aquele que é como Deus é o seu Filho, que juntamente com o Espírito Santo materializam o dogma da Santíssima Trindade. Assim sendo, a tradução correcta e sem omissão de palavras e sentido, é «**Roque e Egídio juntos são a luz do céu. O seu brilho nos redime e “quem**

é como Deus” isto nos ensina»<sup>1</sup>. De facto, Cristo e a Sua Mãe, co-redentores da Humanidade, são os modelos “humanados” que devemos seguir para nos redirmos dos nossos pecados – e foram os modelos que Frei Roque e Frei Egídio tomaram para a



**Fig. 3** - "Oração", Bento Coelho da Silveira, óleo sobre tela, século XVII (pormenor). Museu Francisco Tavares Proença Júnior (imagem José Pessoa/DGPC, 2000).

sua vida. Por isso os contemplam no Alto – e por esta louvável razão D. Frei Luís da Silva fez questão de lhe prestar nesta obra a sua homenagem, não apenas por serem albicastrenses, mas por serem exemplares “homens de santidade”, deixando nela também o seu cunho, expresso nas suas iniciais: L.S. (**Fig. 3**).

### Breves considerações finais

A breve análise que aqui deixamos não seria possível se não houvesse em nós a preocupação de transportar a obra para o tempo e para o espaço a que efectivamente pertence. O autor José Lopes Dias tentou fazê-lo, mas a obra, à altura, já estava deslocalizada e o seu verdadeiro sentido – que acima clarificamos de forma concisa – já se tinha, por essa razão, perdido na memória colectiva, e é esse o motivo que justifica o desconhecimento e a incongruência de parte do seu estudo.

Quando a investigação permite devolver o verdadeiro sentido à imagem, e inscrevê-la na ideologia e legado de uma pessoa, torna-se absolutamente necessário que a mesma volte a ocupar o lugar que, outrora e sendo possível, lhe foi atribuído. Retirar a imagem do contexto e do espaço para o qual foi pensado é apagar-lhe toda a memória que encerra e desvirtuar a mensagem que o seu promotor pretendeu deixar expressa, provavelmente alimentado pela esperança que outros, no futuro, vissem o que os seus olhos viam e sentissem o que o seu coração sentia. Deslocalizar o lugar – e consequentemente o olhar

---

<sup>1</sup> - Um especial agradecimento ao pároco da aldeia de Barco (Covilhã), Pe. António Serra, cujos conhecimentos da língua latina e da Bíblia foram uma preciosa ajuda para esta tradução. O **negrito** é nosso.

e o afecto – de uma imagem é esquecer-la. E a (verdadeira) História alimenta-se das imagens que não são esquecidas.

### **Referências bibliográficas**

COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO DE ÉVORA (CMTE) - “A Cidade de Évora”.

RAMOS, Luís A. de Oliveira, RIBEIRO, Jorge Martins, POLÓNIA, Amélia (coord.), *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*. Évora: Câmara Municipal de Évora, 69-70, 1986-1987, 125-179.

DIAS, José Lopes - *Os Retratos de Frei Roque do Espírito Santo e de Frei Egídio da Apresentação, do Museu de Francisco Tavares de Proença Júnior*. Castelo Branco: Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, 1976.

MENDES, Maria do Carmo R. – *A Palavra da Imagem: ideologias, funções e percepções na linguagem pictórica barroca em Portugal (A Diocese da Guarda 1668-1750)*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2016. 2 Vols. (Tese de doutoramento). Em: <http://hdl.handle.net/10451/26297>.